

AS CRENÇAS DE ALUNOS E PROFESSORES E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA EM L1 E L2

ALMEIDA, Michele Duarte¹

BALDO, Alessandra²

1 UFPel, micheled.almeida@yahoo.com.br, autora; 2 UFPel, lelabaldo@terra.com.br, orientadora.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa está sendo realizada na área de lingüística aplicada, com ênfase na leitura em língua materna (L1) e língua estrangeira (L2). O tema específico do estudo é a relação entre o ensino-aprendizagem de leitura nas escolas, tanto em L1 como em L2, e as crenças sobre esse processo de ensino-aprendizagem por parte de professores e alunos.

Acredita-se que nossas crenças estão presentes em nossa forma de construir conhecimento, de agir como pessoas e como profissionais. Observa-se, de modo empírico, que as crenças adquiridas no convívio social são levadas para a sala de aula, podendo influenciar no processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, os objetivos deste trabalho são: investigar (1) em que medida as crenças dos professores de língua, no que diz respeito ao processo de leitura e ao seu papel enquanto formadores de leitores estão refletidas no trabalho por eles desenvolvido; e (2) em que medida as crenças dos alunos sobre a importância da leitura e sobre o trabalho realizado pelos professores de língua em sala de aula refletem no seu comportamento nas aulas de leitura.

A influência das crenças no comportamento vem sendo estudada por vários autores. No campo do ensino, por exemplo, Guedes (2006) aborda a crença no sentido das percepções que professores e alunos possuem de si mesmos. O autor explica que a atual identidade do professor é a de reproduzidor de conhecimentos, o que, por sua vez, influencia a constituição da identidade do aluno. Mais especificamente na área de ensino de línguas, encontramos estudos como os de Coracini (1995), Barcelos (2006) e Rottava (2004).

Com relação à fundamentação teórica para as análises sobre leitura, é adotado aqui o modelo interacional de leitura de Moita Lopes (1996), o qual prevê que a aprendizagem é uma construção caracterizada pela interação social dos significados aportados por professores e alunos. Além disso, as ideias de Geraldi (2002) relativas à interação entre texto e leitor também servirão de suporte a este trabalho.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Trata-se de uma pesquisa em andamento, para a qual está sendo utilizada uma metodologia de base etnográfica.

Sujeitos: grupo de 20 alunos do 3º ano de uma escola pública estadual localizada no município de Canguçu, RS, professor de língua portuguesa e professor de língua espanhola da turma.

Instrumentos: O desenvolvimento do trabalho se dá através de dois instrumentos: (i) realização de entrevistas gravadas em áudio com o professor de língua portuguesa, professor de língua estrangeira e com cinco alunos voluntários; (ii) observações de 10 horas aula de língua portuguesa e de 5 horas aula de língua espanhola.

Procedimentos: Na primeira etapa, foram observadas 10 horas aula de Língua Portuguesa e 5 horas aula de Língua Espanhola. Nesta primeira etapa, buscou-se investigar como se dá o trabalho de leitura em sala de aula, os métodos utilizados e suas implicações, bem como os momentos das aulas dedicados à leitura. Com estes dados, se está organizando um quadro geral das aulas de leitura nesta escola com o objetivo de verificar as concepções de leitura de alunos e professores, e como estas concepções aparecem no desenvolvimento das atividades de leitura.

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas à turma observada, sem a interferência do professor ou outros elementos. As questões buscaram investigar como se caracteriza a relação do aluno com o texto, as crenças que permeiam a forma como o aluno vê a leitura na escola, a forma como o aluno concebe a participação do professor neste processo e a forma como o aluno concebe a leitura na sua vida em sociedade. Nesta mesma etapa, foi realizada uma entrevista com os professores titulares das aulas observadas. Buscou-se verificar as concepções de leitura de ambos os professores através da análise de suas respostas às perguntas realizadas. Somadas às aulas observadas, se tentará fazer um contraponto entre o discurso e a prática, e ainda, contrastar o discurso do professor com o discurso do aluno. Buscar-se-á também, verificar até que ponto a instituição escola influencia nas concepções de leitura de professores e alunos, e conseqüentemente no trabalho desenvolvido.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados obtidos até o momento permite que se chegue a alguns resultados preliminares, os quais serão explicitados nesta seção. De acordo com a análise das observações realizadas descobriu-se que são raros os momentos dedicados à leitura, especialmente nas aulas de língua materna. Das aulas observadas em língua portuguesa, foram dedicados apenas 02 (dois) encontros para a atividade de leitura, enquanto nas de língua espanhola foi dedicado 01 encontro. Considerando o número de aulas observadas, constata-se que os alunos lêem muito pouco em ambas as línguas.

Ainda considerando as observações realizadas, constatou-se que a concepção de leitura que subjaz a prática do professor de língua portuguesa atenta apenas à parte estrutural do texto. Confirmou-se através das entrevistas, que o professor vê a leitura como um caminho para que seus alunos escrevam mais e melhor, limitando-se apenas a exploração da forma ou estrutura dos gêneros com os quais trabalha em sala de aula. Cabe salientar que o embasamento para a produção de determinado texto, nestas aulas, não residiu na leitura proposta e sim em atividades posteriores à leitura, tais como entrevistas, discussões em sala de aula, entre outras, reforçando assim, a ideia de utilização do texto apenas como modelo estrutural de determinado gênero que se quer que o aluno produza.

Através destas análises, constatou-se também que o professor de português possui conhecimento teórico de como se deve realizar o trabalho com a leitura em sala de aula, quais elementos devem ser considerados para a formação de leitores competentes, porém não há aplicação deste conhecimento em sua prática. Sua prática é influenciada por suas crenças pessoais, ou seja, aquilo que ele

próprio atribui como fundamental nas aulas de língua portuguesa, que é o trabalho de produção textual.

Em relação aos dados obtidos nas observações das aulas de língua espanhola e à análise preliminar de alguns trechos da entrevista, constatou-se que o professor acredita que os alunos só conseguirão obter uma boa compreensão do texto se tiverem um conhecimento gramatical e conseguirem traduzir este texto para o português. Uma evidência desta concepção de ensino de leitura está no fato do professor afirmar em entrevista que “não há como compreender um texto sem conhecimento gramatical”, por isso, ensina conteúdos gramaticais que poderão ser explorados posteriormente no texto.

A análise das entrevistas realizadas com os alunos possibilitou constatar que, em geral, a maioria dos entrevistados tem a consciência da importância da leitura para sua formação, porém a leitura na escola não é capaz de motivá-los. Em relação ao espanhol, foi possível perceber que concebem a língua como relevante apenas para a formação profissional. Percebeu-se também que a visão dos alunos é influenciada pelas concepções de língua, e consequentemente de leitura, impostas pela escola, pois apresentam boa aceitação às propostas de redação, da aula de língua portuguesa, que visam à publicação dos textos. Conforme já comentado, o trabalho quase que exclusivo com estas propostas, em detrimento de atividades de leitura, parte de uma concepção de língua do professor de português. Pelo fato da produção textual tratar-se de uma atividade motivadora na perspectiva dos alunos, estes não conseguem visualizar os prejuízos causados pela ausência de atividades de leitura, as quais podem contribuir de forma significativa para sua formação. Com isso, verifica-se que as concepções de leitura dos alunos são motivadas, em grande parte, pelas concepções dos professores.

Conforme já comentado, trata-se apenas de análises preliminares, as quais deverão ser aprofundadas ao longo do trabalho.

4 CONCLUSÕES

Com base nos dados levantados até o momento e a análise destes dados, conclui-se que há uma forte influência das crenças pessoais dos professores e alunos no desenvolvimento do trabalho com a leitura. Este fator pode ser evidenciado nas aulas de português pelo privilégio dado às atividades de produção escrita e o abandono às atividades de leitura. Percebe-se, neste caso, a influência das crenças pessoais do professor pelo fato dele próprio admitir que se compatibiliza mais com a produção textual e acredita que este tipo de atividade traz melhores resultados para o ensino da língua portuguesa. Da mesma forma, evidencia-se a influência de crenças no professor de espanhol interferindo no trabalho com o texto em sala de aula, pois ele acredita ser indispensável a tradução e o conhecimento gramatical para uma boa compreensão de um texto. O próprio professor ainda deixa claro que sua conduta baseia-se em sua visão pessoal de como ocorre o processo de leitura ao afirmar que é impossível compreender um texto sem o conhecimento gramatical, que, segundo ele, se dá antes do contato com o texto.

Conclui-se também, que as concepções de leitura dos alunos são formadas, pelo menos em parte, através das concepções dos professores, pois ao responder às perguntas da entrevista, os alunos deixam clara a aceitação unânime às atividades de produção textual e a satisfação com estas aulas de língua portuguesa.

Com base nos resultados obtidos até agora, é possível afirmar que o conceito de crenças como conhecimento socialmente construído e por isso, suscetível de mudanças com o passar do tempo (Barcelos, 2006), está presente nas concepções de leitura de alunos e professores implicados nesta pesquisa. No contexto de ensino analisado, as crenças funcionam como obstáculos ao processo de ensino/aprendizagem da leitura. Da mesma forma, tratando da leitura na escola, foi possível confirmar uma visão reducionista das atividades de leitura, a qual é utilizada unicamente com a finalidade do estudo da gramática ou do vocabulário, perdendo assim sua função essencial que é, conforme Coracini (1995), “provocar efeitos de sentido no leitor”.

5 REFERÊNCIAS

- BARCELOS, Ana Maria Ferreira (org), et alli. **Crenças e Ensino de Línguas. Foco no professor, no aluno e na formação dos professores.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- CORACINI, Maria José. (org.) **O jogo discursivo na aula de leitura: Língua materna e língua estrangeira.** Campinas, SP: Pontes, 1995.
- CORACINI, Maria José. Subjetividade e identidade do(a) professor(a) de português. In: CORACINI, Maria José (Org.) **Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades.** Campinas, Chapecó: Argos editora Universitária, 2003 p. 239-255.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- Moita LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Lingüística Aplicada.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.
- ORLANDI, Eni. Pulcinelli. As histórias de Leitura. In: ORLANDI, Eni. Pulcinelli. **Discurso e Leitura**, SP: Cortez, 8ª ed. 2008. p. 41-46.
- _____. Leitura: questão lingüística, pedagógica ou social? In: ORLANDI, Eni. Pulcinelli. **Discurso e Leitura.** SP: Cortez, 8ª ed. 2008. p. 35-40.
- ROTTAVA, Lucia (org), et alli. Concepções de leitura e de escrita um contraponto entre professores em formação de português, inglês e espanhol. In: ROTTAVA, Lucia (org), et alli. **Lingüística Aplicada: relacionando teoria e prática no ensino de línguas.** Ijuí: Unijuí, 2004. cap. 6, p. 111-133.
- SILVA, Sílvio Ribeiro. Concepções Sócio-Interacionais de Leitura: Abordagens Teóricas e Práticas a partir de dois textos escritos. **Linguagem em (Dis) curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 321-347, 2004.